

Amor de perdição





CAMILO CASTELO BRANCO
Amor de perdição
Memórias d'uma família

TEXTO INTEGRAL

Apresentação de
Lilian Jacoto

ea
editora ática

gerente editorial Claudia Morales
editor Fabricio Waltrick
editora assistente Malu Rangel
assistente de arte Thatiana Kalaes
redação Fabio Cesar Alves, Juliana de Sousa Topan
colaboração Fabiane Zorn
coordenadora de revisão Ivany Picasso Batista
revisora Alessandra Miranda de Sá
projeto gráfico Fabricio Waltrick e Luiz Henrique Dominguez
coordenadora de arte Soraia Scarpa
editoração eletrônica Acqua Estúdio Gráfico
pesquisa iconográfica Evelyn Torrecilla e Carlos Luvizari

imagem da capa Sem título, 2002, obra de Gabriela Machado

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS - RJ

C345a
31. ed.

Castelo Branco, Camilo, 1825-1890
Amor de perdição: memórias d'uma família / Camilo Castelo
Branco. - 31. ed. - São Paulo : Ática, 2012.
168p. -- (Bom Livro)

Inclui apêndice
ISBN 978-85-08-14568-3

1. Romance português. I. Título. II. Série.

09-3758.

CDD 869.3

CDU 821.134.3-3

ISBN 978 85 08 14568-3 (aluno)

CL: 737812

CAE: 269495

2019

31ª edição

6ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática S.A. | 2010
Avenida das Nações Unidas, 7221 | Cep 05425-902 | Pinheiros | São Paulo | SP |
Atendimento ao cliente: 4003-3061 | atendimento@aticascipione.com.br
www.coletivoeditor.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Sumário

Paixão, resistência e exílio na novela camiliana 7

Prefácio da segunda edição 13

Prefácio da quinta edição 17

Introdução 21

I 23	XI 91
II 29	XII 96
III 34	XIII 101
IV 39	XIV 107
V 43	XV 112
VI 50	XVI 118
VII 58	XVII 123
VIII 67	XVIII 126
IX 75	XIX 131
X 80	XX 135

Conclusão 141

Vida & obra 147

Resumo biográfico 163

Obras do autor 165

Obra da capa 167

PAIXÃO, RESISTÊNCIA E EXÍLIO NA NOVELA CAMILIANA

Lilian Jacoto

Professora e pesquisadora de Literatura Portuguesa da Universidade de São Paulo (USP).

Se quisermos defender a liberdade, precisamos negar o mundo exterior.

JOHANN GOTTLIEB FICHTE

A novela, desde sua origem mais remota até os dias de hoje, sempre teve a função e o poder do raptó. Com todas as transformações que sofreu ao migrar do folhetim para o livro, e deste para a televisão, a novela sempre nos arranca da vida, por uma hora do dia que seja, suspende o nosso mundo para viver ou brincar de viver a vida dos outros. Promove, portanto, uma saída forçada para outra realidade, paralela, ao mesmo tempo muito perto e muito longe do real cotidiano.

Seu poder de raptó pressupõe alguma violência ou coação: somos enredados nesse mundo paralelo, muitas vezes sem saber por quê. Essa força se explica pelo fato de a ficção ter armas próprias — os recursos de sedução que uma história bem contada esconde na manga.

A matéria essencial do gênero é, naturalmente, as paixões, isto é, sentimentos que incendeiam o sujeito, para o bem e para o mal: o amor, o ódio, a ambição, a fé, o ciúme, o sonho de liberdade. Quando se trata da novela passional romântica — gênero em que Camilo Castelo Branco foi mestre no século XIX —, é o amor que está em causa. E com ou sem *happy end*, é bom que se saiba que o amor, em Camilo, é sempre de perdição.

É difícil raptar, com essas armas, o leitor de hoje, esse que parece estar aprendendo a amar sem se perder. O fato é que o jovem contemporâneo, para ler *Amor de perdição*, tem de suspender temporariamente seus valores, suas práticas, enfim: sua forma de amar. Isso porque as práticas do amor hoje implicam escolha, experiência, o não comprometimento imediato com o outro. Para quem mal saiu da adolescência, as questões de interes-

ses pessoais que envolvem um futuro ainda distante e um caminho árduo para o sucesso constituem um chamamento para a realidade que muito pouco espaço reserva à paixão. Relegado à superfície, domado pelas circunstâncias, o sentimento amoroso raramente conhece, como experiência, o incêndio passional.

É justamente o avesso dessa cultura o que se mostra na novela camiliana, fruto de uma burguesia ainda muito apegada a dogmas, preconceitos de classe, sangue e tradição. Ali o amor é vivido na sua irracionalidade, como possessão que aliena o sujeito do mundo: incendiado pela paixão, o herói se afasta da família e da classe a que pertence em atitudes que o marginalizam, ao mesmo tempo em que o elevam acima da compreensão humana. Octavio Paz parece explicar bem essa vivência do amor como experiência de isolamento e elevação dos amantes em relação ao resto do mundo: “O amor só se estabelece pelo reconhecimento das diferenças que separam e, de certa forma, marginalizam os amantes na comunidade amorfa. O amor é o encontro de duas solidões, dois seres que subvertem a normalidade social. A poesia é o testemunho do amor marginal”¹. Segundo esse raciocínio, o amor, a poesia e o crime pertencem a um mesmo código de conduta: o amor de Simão, se por um lado o torna maldito, também o sensibiliza para a poesia. De uma forma ou de outra, o herói mantém uma altivez que o singulariza, não se rebaixando nunca à superfície mesquinha do mundo, jamais se deixando, por ele, corromper.

Camilo fala de um sentimento que sempre (ou desde há muito tempo) desafia a ordem das coisas. Suas personagens carregam um sentido de negação e resistência radicais, avessos aos valores de negociação e troca de uma burguesia nascente. Esse sentimento inapelável — pasmem os nossos jovens — nasceu de um simples olhar.

Tudo o que daí decorre é o processo de perdição que, quanto mais se agrava, mais eleva espiritualmente os protagonistas. Não há, entre Simão e Teresa, nenhuma experiência de amar, como também nenhuma hesitação. Não há sequer escolha. De famílias inimigas, os enamorados serão, pouco a pouco, banidos da vida.

A trama da perdição alimentará, assim, dois incêndios simultâneos: o amor e o ódio, como lados anversos dessa paixão. No plano inferior (o mundano) colocam-se as convenções, as aparências, o nome de família, a conveniência, a riqueza, o casamento arranjado, a identidade familiar e social, a razão. No plano superior (a sublimidade do espírito) reside a

1 Octavio Paz, “A dialética da solidão”, in: *O labirinto da solidão*.

negação de tudo o que aprisiona o sujeito apaixonado num sobrenome, nas roupas, no tempo e no espaço limitados da casa familiar e da cidade onde vive. Como gênio romântico, o herói da novela camiliana descreve uma ética da irracionalidade.

Incompreendidos pelos que odeiam, Simão e Teresa abandonarão a vida para que esse amor se realize, fora desse mundo pequeno, mas também irredutível.

Longe da casa paterna, envolvido num crime passional, ferido e foragido, o herói encontrará abrigo numa outra família, a casa do ferreiro João da Cruz, onde se praticam outros valores, outra linguagem. Aparece então o espaço urbano periférico, lugar em que Camilo já antecipa o realismo que, mais tarde, será tendência dominante na arte. Ali, em estratos mais baixos da sociedade, a falta de dinheiro é compensada com a lição da espontaneidade, da lealdade e solidariedade entre os humildes. Mas ali também Simão desperta um outro amor incendiário: Mariana, a filha do ferreiro, que o acolhe e dele cuida até o último momento, excede o martírio da paixão, uma vez que a vive em silêncio e abnegação. Esse amor também poderia renunciar a tudo — e renuncia. Mariana sabe, entretanto, que não pode vencer uma força de mesma natureza, o amor de Simão por Teresa. Sabe que o amor não pode vencer o amor. Ela é, certamente, a maior heroína dessa história.

Ambas as mulheres não compõem, na novela, vértices de um triângulo amoroso. Elas não competem pelo amor de Simão: antes, retiram-se da vida, cada uma a seu modo. Elevados demais para sobreviver aos limites humanos, esses heróis levam ao paroxismo a aventura do exílio, palavra que resume, simbolicamente, a gesta romântica. Para o triste caso de Simão, Teresa e Mariana, esse exílio será, também, vivido em sua radicalidade.

Resta também, ao leitor da novela, o sabor do exílio como rapto: deixar-se levar para o incendiário século XIX, como experiência lúdica de perdição.



Amor de perdição

PREFÁCIO DA SEGUNDA EDIÇÃO

Nas *Memórias do cárcere*, referindo-me ao romance que novamente se imprime, escrevi estas linhas:

O romance, escrito em seguimento daquele, (*O romance dum homem rico*) foi o *Amor de perdição*. Desde menino, ouvia eu contar a triste história de meu tio paterno Simão Antônio Botelho. Minha tia, irmã dele, solicitada por minha curiosidade, estava sempre pronta a repetir o fato aligado à sua mocidade. Lembrou-me naturalmente, na cadeia, muitas vezes, meu tio, que ali deveria estar inscrito no livro das entradas no cárcere e no das saídas para o degredo. Folheei os livros desde os de 1800, e achei a notícia com pouca fadiga, e alvoroços de contentamento, como se em minha alçada estivesse adorar-lhe a memória como recompensa das suas trágicas e afrontosas dores em vida tão breve. Sabia eu que em casa de minha irmã estavam acantoados uns maços de papéis antigos, tendentes a esclarecer a nebulosa história de meu tio. Pedi aos contemporâneos que o conheceram notícias e miudezas a fim de entrar de consciência naquele trabalho. Escrevi o romance em quinze dias, os mais atormentados de minha vida. Tão horrorizada tenho deles a memória, que nunca mais abrirei o *Amor de perdição*, nem lhe passarei a lima sobre os defeitos nas edições futuras, se é que não saiu tolhiço incorrigível da primeira. Não sei se lá digo que meu tio Simão chorava, e menos sei se o leitor chorou com ele. De mim lhe juro que...

Vão passados quase dois anos, depois que protestei não mais abrir este romance. No decurso de dois anos tive de afrontar-me com uns infortúnios menos vulgares que a privação da liberdade, e esqueci o horror dos outros, a ponto de os recordar sem espanto, e simplesmente como fuzis indispensáveis nesta minha cadeia, em que já me vou retorcendo e saboreando com infernal deleitação. Abri o livro, como se o tivesse escrito nos dias mais festivos da minha mocidade; se bem que eu falo em dias de mocidade por me dizer a minha certidão de idade que eu já

fui moço; que, no tocante às festas de juventude, estou agora esperando que elas venham no outono, e é de crer que venham, acamaradas como o reumatismo e gota.

Este livro, cujo êxito se me antolhava mau, quando eu o ia escrevendo, teve uma recepção de primazia sobre todos os seus irmãos. Movia-me à desconfiança o ser ele triste, sem interpolação de risos, sombrio, e rematado por catástrofe de confranger o ânimo dos leitores, que se interessam na boa sorte de uns, e no castigo de outros personagens. Em honra e louvor das pessoas que estimaram o meu livro, confessarei agradavelmente que julguei mal delas. Não aprovo a qualificação; mas a crítica escrita conformou-se com a opinião da maioria, que antepõe o *Amor de perdição* ao *Romance de um homem rico* e às *Estrelas propícias*.

É grande parte neste favorável, embora insustentável juízo a rapidez das peripécias, a derivação concisa do diálogo para os pontos essenciais do enredo, a ausência de divagações filosóficas, a lhanza da linguagem e desartifício das locuções. Isto enquanto a mim, não pode ser um merecimento absoluto. O romance que não estribar em outras recomendações mais sólidas deve ter uma voga muito pouco duradoura.

Estou quase convencido de que o romance, tendendo a apelar da iníqua sentença que o condena a fulgir e apagar-se, tem de firmar sua duração em alguma espécie de utilidade, tal como o estudo da alma ou a pureza do dizer. E dou mais pelo segundo merecimento; que a alma está sobejamente estudada e desvelada nas literaturas antigas, em nome e por amor das quais muita gente abomina o romance moderno, e jura morrer sem ter lido o melhor do mais apregoado autor. Dou-me por suspeito nesta questão. Graças a Deus, ainda não escrevi duas linhas a meu favor, nem sequer nas locais do jornalismo. Até escrupulizo em dizer que devem ler-se romances, não vão cuidar que eu recomendo os meus.

É certo que tenho querido imprimir em alguns de meus livros o cunho da utilidade com o valor da linguagem sã e ajeitada à expressão de ideias, que pareciam estranhas, como de feito eram, e não se nos deparam nos escritos dos Sousas, Lucenas e Bernardes. Em verdade, foi isto mirar muito longe com vista muito curta; assim mesmo, fiz o que pude; e neste livro direi que fiz menos do que podia. Nos *quinze atormentados dias* em que o escrevi, faleceu-me o vagar e contenção que requer o acepillar e brunir períodos. O que eu queria era afogar as horas, e afogar talvez a necessidade de vender o meu tempo, as minhas meditações silenciosas, e o direito de me espreguiçar como toda a gente, e o prazer ainda de ser tão lustroso na linguagem, quanto, em diversas circunstâncias, podia ser.

O que então não fiz, também agora o não faço, senão em pouquíssimo e muito de corrida. O livro agradou como está. Seria desacerto e ingratidão demudar sensivelmente, quer na essência, quer na compostura, o que, tal qual é, foi bem recebido.

Porto, setembro de 1863.

Camilo Castelo Branco

PREFÁCIO DA QUINTA EDIÇÃO

Publiquei, há vinte e dois anos, o romance *Onde está a felicidade?* — Pouco depois, Alexandre Herculano, republicando as *Lendas e narrativas*, escrevia na *Advertência*: “... Nestes quinze ou vinte anos, criou-se uma literatura, e pode dizer-se que não há ano que não lhe traga um progresso. Desde as *Lendas e narrativas* até o livro *Onde está a felicidade?* que vasto espaço transposto!”

Se comparo o *Amor de perdição*, cuja 5ª edição me parece um êxito fenomenal e extralusitano, com *O crime do padre Amaro* e *O primo Basílio*, confesso, voluntariamente resignado, que para o esplendor destes dois livros foi preciso que a Arte se atviasse dos primores lavrados no transcurso de dezesseis anos. O *Amor de perdição*, visto à luz elétrica do criticismo moderno, é um romance romântico, declamatório, com bastantes aleijões líricos, e umas ideias celeradas que chegam a tocar no desaforo do sentimentalismo. Eu não cessarei de dizer mal desta novela, que tem a boçal inocência de não devassar alcovas, a fim de que as senhoras a possam ler nas salas, em presença de suas filhas ou de suas mães, e não precisem de esconder-se com o livro no seu quarto de banho. Dizem, porém, que o *Amor de perdição* fez chorar. Mau foi isso. Mas, agora, como indenização, faz rir: tornou-se cômico pela seriedade antiga, pelo raposinho que lhe deixou o ranço das velhas histórias do Trancoso e do padre Teodoro de Almeida.

E por isso mesmo se reimprime. O bom-senso público relê isto, compara com aquilo, e vingá-se barrufando com frouxos de riso realista as páginas que há dez anos aljofarava com lágrimas românticas.

Faz-me tristeza pensar que eu floresci nesta futilidade da novela quando as dores da alma podiam ser descritas sem grande desaire da gramática e da decência. Usava-se então retórica de preferência ao calão. O escritor antepunha a frequência de Quintiliano à do *Colete-encarnado*. A gente imaginava que os alcouces não abriam gabinetes de leitura e artes correlativas. Ai! quem me dera ter antes desabrochado hoje com os punhos

arreçados para espremer o pus de muitas escrófulas à face do leitor! Naquele tempo, enflorava-se a pústula; agora, a carne com vareja pendura-se na escápula e vende-se bem, porque muita gente não desgosta de se narcisar num espelho fiel.

Pois que estou a dobrar o cabo tormentório da morte, já não verei onde vai desaguar este enxurro que rola no bojo a Ideia Novíssima. Como a honestidade é a alma da vida civil, e o decoro é o nó dos liames que atam a sociedade, lembra-me se vergonha e sociedade ruião ao mesmo tempo por defeito de uma grande evolução-rigolboche. A lógica diz isto; mas a Providência, que usa mais da metafísica que da lógica, provavelmente fará outra coisa. Se, por virtude da metempsicose, eu reaparecer na sociedade do século XXI, talvez me regozije de ver outra vez as lágrimas em moda nos braços da retórica, e esta 5ª edição do *Amor de perdição* quase esgotada.

S. Miguel de Seide, 8 de fevereiro de 1879.

Camilo Castelo Branco

Ao Il^{ma} e Ex^{ma} Sr.

Antônio Maria de Fontes Pereira de Melo
dedica
O Autor

Il^{ma} e Ex^{ma} Sr.

Há de pensar muita gente que V. Ex^a não dá valor algum a este livro, que a minha gratidão lhe dedica, porque muita gente está persuadida que ministros do Estado não leem novelas. É um engano. Uma vez, ouvi eu um colega de V. Ex^a discorrer no parlamento acerca de caminhos de ferro. Com tanto engenho o fazia, de tantas flores matizara aquela matéria, que me deleitou ouvi-lo. Na noite desse dia, encontrei o colega de V. Ex^a, a ler a “Fanny”, aquela “Fanny” que sabia tanto de caminhos de ferro como eu.

Que V. Ex^a tem romances na sua biblioteca, é convicção minha. Que lá tem alguns que não leu, porque o tempo lhe falece, e outros porque não merecem tempo, também o creio. Dê V. Ex^a, no lote dos segundos, um lugar a este livro, e terá assim V. Ex^a significado que o recebe e aprecia, por levar em si o nome do mais agradecido e respeitador criado de V. Ex^a.

Na cadeia da Relação do Porto, aos 24 de setembro de 1861.

Camilo Castelo Branco